

1. Topologia da violência

Os gregos chamavam à tortura *ἀνάγκαι*. A palavra *ἀναγκαιος* significa “necessário” ou “indispensável”. A tortura era entendida e admitida como um destino ou uma lei natural (*ἀνάγκη*). Estamos perante uma sociedade que sanciona a violência física como meio em vista de um fim. É uma sociedade sangrenta, por contraste com a sociedade moderna, que é uma sociedade da alma. Nela, os conflitos dirimem-se diretamente com recurso à violência, quer dizer: eliminam-se de um *golpe*. A violência externa, neste sentido, é um alívio para a alma, uma vez que exterioriza o sofrimento. A alma não se encerra num monólogo mortificador. Na modernidade, a violência toma uma forma psíquica, psicológica, interna. Adota as formas da interioridade psíquica. As energias destrutivas não são objeto de uma descarga afetiva imediata, antes se *elaboram* psiquicamente.

A mitologia grega está cheia de sangue e corpos despedaçados. Para os deuses, a violência é um meio sensato e natural de lograrem os seus propósitos e de imporem a sua vontade. Bóreas, por exemplo, o deus do vento norte, justifica assim o seu comportamento violento:

Tereu e os seus trácios contrariaram o amor de Bóreas; enquanto este deus preferiu para obtê-la as súplicas à violência, Orítias foi negada ao seu amor. Vendo, por fim, a impotência

dos seus meigos esforços, ei-lo que irrompe nesse terrível furor que lhe é costumeado e só a ele pertence. “Pois assim seja”, disse então: “Porquê ter-me despojado das minhas armas, do ímpeto e da força, da ira e da ameaça? Porquê humilhar-me pela prece, que não é digna de mim? É a força que me incumbe”.²

De resto, a Grécia Antiga era uma cultura impulsiva (*Erregungskultur*). Os afetos intensos, que lhe são tão peculiares, assumem formas violentas. O jovem e belo Adónis morreu despedaçado pelas presas de um javali, que encarna a violência que habita o interior dessa cultura do impulso e dos afetos. Depois da morte de Adónis, conta-se que o javali disse que não quisera feri-lo com as suas “presas eróticas” (ἔρωτικὸς ὀδόντας), mas tão-só acariciá-lo. É este paradoxo fundamental da cultura da pulsão (*Triebkultur*) e dos afetos.

Antes da modernidade, a violência é omnipresente e, sobretudo, quotidiana e visível. Constitui uma componente essencial da prática e da comunicação sociais. Daí que não só se exerça, mas também se exhiba. O senhor ostenta o seu poder impondo a morte por meio do sangue. O teatro da crueldade, que tem lugar nas praças públicas, põe em cena o seu poder e a sua dominação. A violência e a sua encenação teatral são uma parte essencial do exercício do poder e da dominação.

Na Roma Antiga, *munera* refere-se ao serviço à comunidade. O *munus* designa também a recompensa esperada por alguém que desempenha um cargo. O *munus gladiatorium* é um dos *munera*. Com efeito, o combate de gladiadores é apenas uma parte do *munus gladiatorium*³. Ainda mais cruéis do que a luta dos gladiadores são as execuções em plena luz do dia. Além da *damnatio ad gladium* (morte a fio de espada) e da *damnatio ad flammam* (morte na fogueira), existe igualmente a morte *damnatio ad bestias*. Os condenados são lançados a

2 Ovídio, *Metamorfoses*, Livro VI.

3 Cf. I. Günther e M. Oberweis (orgs.), *Inszenierungen des Todes. Hinrichtung — Martyrium — Schändung*, Bochum, Europäische Universitätsverlag, 2006, p. 37.

animais esfaimados para serem devorados e dilacerados enquanto o corpo ainda está vivo. O *munus gladiatorium* não é propriamente uma diversão de massa que tenha por função libertar a sua pulsão de morte. Impregna-o antes uma significação política própria. No teatro da crueldade representa-se o poder do soberano como o poder da espada. Assim, o *munus gladiatorium* erige-se numa modalidade fundamental de culto do imperador. A pompa da encenação da pena de morte manifesta o poder e a magnificência do senhor. O governo vale-se da simbologia do sangue. A violência direta opera como insígnia do poder. Neste caso, a violência não se esconde. Torna-se visível e manifesta-se. Não tem pudor algum. Não é muda nem se mostra seminua, é eloquente e substancial. Tanto nas culturas arcaicas como entre os antigos, a encenação da violência é um elemento central e constitutivo da comunicação social.

Na modernidade, a violência direta não só se retira do cenário político, como vai perdendo legitimidade em quase todos os campos sociais. Acaba por ficar sem espaço de exibição. As execuções desenrolam-se em lugares aos quais a comunidade pública não tem acesso. A pena de morte deixa de ser um espetáculo. O campo de concentração é, do mesmo modo, uma expressão da mesma transformação topológica. Não é um cenário de violência, pois não se encontra no centro, mas sim nos arredores da cidade. O palco da violência sangrenta, que caracteriza a sociedade soberana, cede o lugar a uma câmara de gás limpa e exangue, estranha ao olhar público. Em vez de se mostrar com ostentação, a violência dissimula-se, com pudor. Continua, apesar de tudo, a exercer-se, mas não se expõe publicamente. Não chama a atenção. É desprovida de qualquer linguagem ou simbologia. Não é um presságio. Executa-se como uma aniquilação surda e muda. O *Muselmann* do campo de concentração é vítima de uma violência que se tornou vergonhosa e, por isso, passa a ser considerada um crime e a ser negada. Após a sua deslegitimação, o poder do soberano sobre a pena de morte abandona o espaço público. O *Lager* é um

não-lugar. E distingue-se, por isso, da prisão, que continua a ser ainda um lugar.

O fim da sociedade pré-moderna da soberania como sociedade do sangue impõe à violência uma transformação topológica. A violência deixa de ser parte da comunicação política e social. Retira-se para espaços mentais íntimos (*innerseelische Räume*), subcomunicacionais, subcutâneos, capilares. Desloca-se do visível para o invisível; do direto para o discreto; do físico para o psíquico, do material para o mediado; do frontal para o viral. O seu modo de ação já não passa pela confrontação, mas sim pela contaminação; já não há ataques diretos, mas infeções subreptícias. Esta transformação estrutural da violência impõe-se cada vez mais na violência atual. Do mesmo modo, as forças destrutivas do terrorismo também não agem em termos frontais, mas dispersam-se de forma viral e atuam de maneira invisível. Também a guerra cibernética, a modalidade bélica do século XXI, opera viralmente. A viralidade subtrai à violência toda a visibilidade e toda a publicidade. O próprio malfeitor se torna invisível. Os vírus digitais, que se dedicam mais a infetar do que a atacar, quase não deixam rasto que indicie claramente o infrator. Contudo, esta violência viral é uma violência da negatividade. A bipolaridade entre vítima e carrasco, bem e mal, ou amigo e inimigo, continua inscrita nela.

Na modernidade, a interiorização física é um dos deslocamentos topológicos fundamentais da violência. Esta toma a forma de um conflito interior. As tensões destrutivas disputam-se internamente em vez de se descarregarem no exterior. O combate já não se trava fora do eu, mas no seu interior. “A cultura domina a perigosa pulsão agressiva do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e pondo-o sob o controlo de uma instância alojada no seu interior, como uma guarnição militar na cidade conquistada.”⁴ Freud situa esta instância de

4 S. Freud, *Das Unbehagen in der Kultur. Und andere kulturtheoretische Schriften*, Frankfurt, 1994, p. 87. [Edição portuguesa: *O Mal-Estar na Civilização*, trad. Isabel Castro Silva, Lisboa, Relógio D'Água, 2008.]

vigilância psíquica na consciência. É um lugar de inversão da violência: “Cometemos até a heresia de explicar a gênese da nossa consciência por esse virar-se para dentro da agressão.”⁵ A agressão virada para o exterior transforma-se numa agressão virada para o interior do sujeito. A consciência moral torna-se tanto mais severa e implacável quanto mais a pessoa renuncia à agressão contra os outros⁶.

As técnicas da dominação recorrem também a esta interiorização da violência. Encarregam-se de fazer o sujeito da obediência interiorizar a instância de dominação externa e a transformá-la em parte do seu ser. Assim, a dominação requer um esforço muito menor para se exercer. A violência simbólica serve-se igualmente do automatismo do hábito. Inscreve-se nas convicções, nos modos de percepção e de comportamento. Por seu turno, a violência *naturaliza-se*. Mantém a ordem de dominação vigente sem qualquer espécie de esforço físico ou material. É da mesma maneira ainda que a técnica disciplinar se vale da interiorização psíquica da força. Através de uma intervenção delicada e discreta, penetra as vias nervosas e as fibras musculares do sujeito, submetendo-o a coações e a imperativos ortopédicos e neurológicos. A violência maciça da *decapitação*, que impera na sociedade da soberania, dá lugar a uma *deformação* sucessiva e subcutânea.

O sujeito do rendimento da modernidade tardia não está submetido a ninguém. De facto, já não é um sujeito (*subject to, sujet à*), uma vez que deixou de lhe ser inerente qualquer tipo de sujeição. Pelo contrário, positiviza-se, entrega-se a um projeto. *A transformação do sujeito em projeto* não faz desaparecer a violência. Em vez de uma coação externa surge uma coação interna, que se oferece como liberdade. Este desenvolvimento encontra-se estreitamente ligado ao modo de produção capitalista. Porque, a partir de certo nível de produção, a

5 Ibid., p. 173.

6 Cf. S. Freud, *Das ökonomische Problem des Masochismus*, in: *Das Ich und das Es. Metapsychologische Schriften*, Frankfurt, 1992, p. 309.